

Apresentação

Luiz Fernando Scheibe

Prof. Depto. de Geografia da UFSC

Sociedade e meio ambiente – e justiça social

Em março de 1995 foi proferida, pelo Prof. Dr. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, a aula inaugural do Curso de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas – Sociedade e Meio Ambiente – do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC.

Núcleo central do presente número da Revista de Ciências Humanas, seu discurso aponta o rumo da síntese geográfica, e estabelece a rota da promoção interdisciplinar na compreensão do ambiente. Através de um depoimento sobre sua brilhante trajetória pessoal buscando mobilizar a ciência geográfica em proveito da compreensão ambiental, o autor salienta as dificuldades na “antropização” dos geossistemas, concluindo com a seguinte constatação:

Estejamos certos de uma coisa: os problemas ambientais, quase nunca prioritários nas políticas governamentais ... têm que ser atacados pela pressão exercida pela sociedade. E a Universidade, ao reunir e harmonizar os saberes nas suas diferentes manifestações, ao lado da elaboração da nova razão» e do novo humanismo” que se tornam imprescindíveis ao porvir, é o lugar indicado para a geração das novas idéias e procedimentos.

Ao contemplar a temática essencial de nosso curso de doutorado interdisciplinar, nossa revista aborda neste número, portanto, uma das mais candentes, e também uma das mais complexas questões do nosso tempo: a relação homem/natureza.

No linguajar dos marujos, abordar é tomar o navio, em movimento, pela borda, pelo lado – com ou sem o consentimento dos seus ocupantes anteriores.

Novos passageiros, que o somos todos, mas também condutores e cobradores deste bonde/navio da história: o bonde, em que sempre

cabe mais um, para mencionar o velho/novo sistema de transporte urbano, no Brasil, trilhos enterrados pelo asfalto que privilegia o cada vez mais lento curso dos automóveis, o navio, para deixar bem clara a possibilidade da busca do porto que mais a nós, humanidade, nos convém.

Um pouco da história dessa viagem está contemplada nos três primeiros artigos deste volume: no primeiro, são exemplificadas a pluralidade e variedade de sentidos do ambientalismo, contemplando suas dimensões histórica e ética, e interpretando as interações entre seus diversos componentes e tendências, em que sobressairia, hoje, a emergência e desenvolvimento de um setor religioso e espiritual do ambientalismo.

Após dois trabalhos de caráter mais específico, sobre a realidade urbana atual de Florianópolis e sobre a medicina dos índios Guarani, temos um artigo sobre os limites energéticos do crescimento econômico – em que são passadas em revista as leis da termodinâmica e as implicações sociais, ecológicas e políticas da demanda de energia e seus corolários, o consumismo, bem como as promessas, não cumpridas, da modernidade, com a conseqüente expansão do ideal economicista a todas as demais esferas da atividade humana.

Segue-se um artigo sobre o ecodesenvolvimento, um libelo otimista contra os modelos atuais, que parte da constatação de que nunca foi tão presente, como no mundo moderno, a disparidade entre ricos e pobres, os que têm tudo e os que nada têm.

Um porto a ser atingido: não por acaso, a revista culmina com as teses de Agnes Heller sobre a Justiça Social, para quem, no entanto, “uma sociedade ‘justa’ está fora do alcance da modernidade”.

São desafios a serem superados, pelas Ciências Humanas e pela Filosofia, neste limiar do século XXI. Contamos com a sua participação.